



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
CURSO DE BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

RUBENS FERREIRA COSTA

CINEGRAFISTAS: AS LENTES DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE

Campina Grande /PB
2018

RUBENS FERREIRA COSTA

CINEGRAFISTAS: AS LENTES DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social (DECOM) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Área de concentração: Jornalismo e Telejornalismo

Orientadora: Prof. Ms Maria Zita Almeida Batista dos Santos

Campina Grande /PB
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837c Costa, Rubens Ferreira.
Cinegrafistas [manuscrito] : as lentes da cidade de campina Grande / Rubens Ferreira Costa. - 2018.
32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Maria Zita Almeida Batista dos Santos, Departamento de Comunicação Social - CCSA."

1. Cinegrafista. 2. Televisão. 3. Imagem cinematográfica.
4. Telejornalismo.

21. ed. CDD 070.195

RUBENS FERREIRA COSTA

CINEGRAFISTAS: AS LENTES DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social (DECOM) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Área de concentração:

Orientadora: Prof. Ms Maria Zita Almeida Batista dos Santos

Aprovado em: 11/10/2018.

BANCA EXAMINADORA

Maria Zita Almeida Batista dos Santos
Prof. Ms Maria Zita Almeida Batista dos Santos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ana Maria de Sousa Pereira
Prof. Ms Ana Maria de Sousa Pereira (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Raul Augusto Ramalho de Mello
Prof. Ms Raul Augusto Ramalho de Mello (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este artigo a todas as pessoas que me ajudaram nessa jornada. Meus pais, minha namorada, minha família, amigos, que sempre me encorajaram durante toda essa caminhada, são eles os responsáveis pelo sucesso alcançado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado força nos momentos difíceis e por ter me guiado pelo caminho certo nesta fase da minha vida.

Agradeço também aos meus pais, Francilene Costa e Romero Costa, por terem sempre me apoiado nas decisões, muitas vezes difíceis, que tive que enfrentar até aqui. Por acreditarem na minha capacidade e, principalmente, por sempre confiarem em mim. Obrigado mãe pelos sacrifícios que você fez em razão da minha educação. Nós sabemos que não foram poucos. Obrigado por tudo.

Agradeço a minha namorada Jamilly Dias pelo seu carinho, sua alegria, sua atenção, sua vibração com as minhas conquistas e seu ombro em cada momento difícil que você ajudou a atravessar. Sem você, essa conquista não teria o mesmo gosto.

Agradeço a minha orientadora Maria Zita Almeida, que acreditou em mim, que ouviu pacientemente as minhas considerações partilhando comigo as suas ideias, conhecimento e experiências que sempre me motivou. Quero expressar o meu reconhecimento e admiração pela sua competência profissional e minha gratidão pela sua amizade, por ser uma profissional extremamente qualificada e pela forma humana que conduziu minha orientação.

Aos docentes, direção e administração do curso de Comunicação Social - Jornalismo, pelas trocas de conhecimentos e experiências que foram tão importantes na minha vida acadêmica/pessoal. E contribuíram para o meu novo olhar profissional.

Aos cinegrafistas que participaram dessa pesquisa, que me possibilitaram tanto aprendizado. Agradeço por me darem a oportunidade de vivenciar essa experiência e me receberem sempre de portas abertas.

Meus agradecimentos ao meu amigo Gilbran Kalil que me ajudou na captação de algumas imagens para as entrevistas.

E, por fim, a todos que de alguma forma contribuíram nesse processo de transformação acadêmica.

“A mente que se abre a uma nova ideia
jamais voltará ao seu tamanho original”.
Albert Einstein

Sumário

1.	INTRODUÇÃO	8
2.	A TELEVISÃO COMO CAMPO DE PESQUISA	10
2.1	Imagens e Telejornais.....	12
2.2	O Cinegrafista.....	14
2.2.1	<i>O Cinegrafista e o telejornalismo</i>	16
3.	CINEGRAFISTAS: OS DESAFIOS DE UMA PROFISSÃO	17
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
	REFERÊNCIAS	24
	APÊNDICE A - ENTREVISTA MARCEL DOS SANTOS PADUA HENRIQUES	26
	APÊNDICE B - ENTREVISTA ANDRÉ LUIS DE LIMA GOMES.....	29

CINEGRAFISTAS: AS LENTES DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE

Rubens Ferreira Costa*

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade descrever o cotidiano dos profissionais da cidade de Campina Grande/PB que captam a matéria prima dos telejornais: a imagem. O jornalismo se caracteriza por três pilares fundamentais, que seria imagem, som e palavra. Mas quem capta essas imagens? Qual profissional tem essa responsabilidade? Ao longo da história da televisão brasileira, pouco se sabe a respeito desses profissionais e sua importância no ambiente jornalístico. Não há um consenso para designação desse profissional: cinegrafista, repórter cinematográfico, operador de câmera. Esta pesquisa irá esclarecer o dia a dia do profissional e sua relação no trabalho com alguns profissionais da área de comunicação. Para atingir o objetivo, se fez necessária, além da análise dos saberes e das práticas predominantes no cotidiano desses profissionais, a identificação de como, no desenvolvimento dessas práticas, os processos de aprendizagem estão relacionados. A metodologia adotada deu-se através de entrevistas e uma pesquisa descritiva. A descrição do cotidiano de trabalho dos cinegrafistas entrevistados permitiu entender a relação entre os saberes constituídos, durante a história de vida de cada um, e a reprodução das práticas e seus processos de aprendizagem. As entrevistas foram realizadas, entre os meses de setembro e outubro de 2017, com dois cinegrafistas, sendo um da TV Paraíba, afiliada Rede Globo e um da TV Itararé, afiliada TV Cultura e com tempos de profissão diferentes, para possibilitar a análise de diferentes percepções. Concluímos mostrando que uma das soluções mais rápidas seria a de inserir uma disciplina nessa área, nos cursos superiores de Jornalismo.

Palavras-Chave: Cinegrafista. Televisão. Imagem. Telejornalismo.

* Aluno de graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail. rubensfcosta22@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A relevância que a imagem tem para a sociedade é inquestionável, a influência e o poder relaciona uma variação de interpretações e sentidos. A internet e a TV têm uma importância muito grande no processo produtivo da notícia.

A TV ainda é um dos veículos de comunicação de massa mais importante no mundo, sendo incontestável o poder e o impacto de algo noticiado na televisão e como ela influencia as pessoas. Pesquisas e análises já provaram a influência do conteúdo jornalístico para televisão, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia, o meio de comunicação mais utilizado na Paraíba é a TV com 68% do público no estado, portanto é válido salientar o poder da influência social que o telejornalismo tem na sociedade.

Imagens de guerra, de crimes, de catástrofes, de corrupção, imagens que nos encantam e nos comovem, ou as que nos trazem sofrimento e causam revolta, que elevam a alma e as que causam dor, todas elas costumam ser mostradas sem que tenhamos conhecimento de quem é o profissional que as captou.

Quando uma matéria está pronta e é exibida na TV, quase nunca nos questionamos quem é a pessoa responsável pelas imagens e o que foi necessário fazer para se ter um material de qualidade. O cinegrafista é um profissional muito importante na construção das informações, pois na maioria das vezes, não seria possível produzir sem ele uma matéria completa com imagens, textos e sonoras.

A prática de captação de imagens do cinegrafista é de extrema importância para o jornalismo, pois é ele que faz a diferença mostrando assim os acontecimentos distantes, através do seu olhar, tendo que lidar com chuva, sol, vento, dentre outros fatores, mas sempre empenhado em produzir uma imagem de boa qualidade. A visão destes profissionais é fundamental para o desenvolvimento da reportagem. Se o repórter e cinegrafista não estiverem afinados, fica complicado produzir uma boa reportagem. O olhar do câmera deve completar a fala do repórter.

Este trabalho busca suprir essa lacuna e, tem como objeto de pesquisa incentivar outros pesquisadores e interessados no tema a se dedicarem aos

estudos sobre uma das profissões mais relevantes e menos conhecidas do jornalismo brasileiro. Apesar de parecer quase invisível é importante mostrar que o cinegrafista é o ponto inicial referente a captação de imagens, na execução do produto jornalístico e pelo conteúdo audiovisual do segmento da notícia e maior veículo de comunicação da atualidade, que é a TV. Como objetivo geral, busca-se evidenciar o olhar e a importância dos cinegrafistas da cidade de Campina Grande, para o meio jornalístico. Entre os objetivos específicos estão, mostrar brevemente a diferença do cinegrafista, repórter cinematográfico e operador de câmera. Analisar se o cinegrafista se sente valorizado como um profissional na cidade e ainda se existe uma desvalorização da profissão por uma possível falta de possibilidades de atualização acadêmica em Campina Grande, bem como se os cursos superiores em jornalismo poderiam colaborar para uma maior valorização da profissão de cinegrafista na cidade.

Para realizar essa pesquisa foram selecionados como *corpus* as entrevistas realizadas com os profissionais de duas emissoras de telejornalismo de Campina Grande-PB: André Luis de Lima Gomes (TV Paraíba, afiliada Rede Globo) e Marcel dos Santos Padua Henriques (TV Itararé, afiliada TV Cultura), artigos publicados na Internet e bases teóricas afins. Os personagens foram escolhidos por pertencerem a emissoras distintas, e terem tempo de trabalho também distintos. O André Luis é da TV Paraíba, uma emissora de TV Comercial, ele trabalha na emissora como cinegrafista há 19 anos. Já o Marcel Henriques, é da TV Cultura, uma TV Pública, e ele trabalha na emissora há seis anos.

Para melhor compreensão, dividimos essa pesquisa em três partes. Na primeira, apresentamos um breve percurso histórico do telejornalismo e avanços tecnológicos da época. Também mostramos como se dá a regulamentação da profissão do cinegrafista e os aspectos que envolvem a profissão.

Na segunda parte trazemos o referencial teórico que norteou a pesquisa. Nele há teóricos como Pignatari (1984) Rezende (2000) e Santaella (2005) que falam sobre televisão, telejornalismo, linguagem, pensamento e sonora visual. Tratamos ainda na parte II das linguagens utilizadas no jornalismo. O papel do

cinematógrafo para o jornalismo, e o trabalho em equipe. Ainda nesta parte falamos sobre a importância da imagem para o telejornalismo.

Por fim, na III parte apresentamos os conceitos tecidos pelos próprios profissionais durante nossa entrevista, onde são mencionados os pontos de vista dos cinegrafistas sobre as dificuldades que encontram no mercado de trabalho, a necessidade de haver um curso específico para a formação da categoria ou a inserção de uma disciplina no curso de jornalismo, que certamente irá contribuir para o conhecimento de técnicas específicas da profissão.

Vale salientar que não é nosso interesse tecer críticas ao telejornalismo. Buscamos com essa pesquisa, chamar a atenção para a importância da imagem e seu poder de transmitir o que realmente acontece, distinguir a profissão, mostrar algumas das principais dificuldades que os cinegrafistas se deparam na área e por fim, mostrar o olhar de quem captura a imagem para TV.

2. A TELEVISÃO COMO CAMPO DE PESQUISA

A humanidade viveu cada época com suas próprias características, identificadas pela sua filosofia, relacionamentos sociais, políticos, educacionais e culturais, sendo resultado da evolução da ciência e da tecnologia. Assim também acontece com a comunicação. O ser humano ao longo dos tempos e de acordo com a sua evolução, utilizou das mais diversas formas narrativas para interagir com outros seres humanos e com o mundo.

A imagem é objeto de reflexões filosóficas desde a antiguidade. Achar uma definição que abranja todos os seus significados é uma tarefa bem difícil. “Chamo de imagem em primeiro lugar as sombras, depois os reflexos que vemos nas águas ou na superfície de corpos opacos, polidos, e brilhantes e todas as representações do gênero”. (JOLY, 1996, p.13)

Quando abrimos os olhos, notamos que estamos rodeados de imagens que o mundo oferece ou impõe. Movendo um pouco o rosto, dá para perceber diversos objetos e formas diferentes. Ao andar para frente ou para trás terá

perspectivas diferentes de um mesmo ponto. Se fechar os olhos, as imagens que ilustram sonhos povoam a mente.

Durante a Revolução Industrial muito se ganhou com os inventos tecnológicos, um deles, a câmera cinematográfica ou cinetógrafo, como era chamada na época, foi desenvolvida no ano de 1890, pelo norte americano Thomas Edison e seu assistente William Kennedy Laurie Dickson. A partir da construção dessa máquina, as imagens passaram a ganhar movimento.

No Brasil, a história da cinematografia começou basicamente com a chegada do cinema no país, em 8 de julho de 1896, no Rio de Janeiro, alguns meses depois da exibição feita pelos irmãos Lumière, na França. Com a chegada do cinema, surgem também os primeiros operadores de câmera, eram profissionais autodidatas e tudo que viam pela frente era objeto de registro. Em 1916 surge o primeiro cinejornal, uma junção da indústria cinematográfica e o telejornalismo.

Em virtude da Segunda Guerra Mundial, no dia 18 de setembro de 1950, ocorreu no Brasil, a primeira transmissão de imagens, pela TV Tupi-Difusora. O Brasil foi o primeiro país na América Latina, e o sexto no mundo, a ter uma emissora de televisão, atrás apenas de Inglaterra, Estados Unidos, França, Alemanha e Holanda.

Com a vinda do VT (Videoteipe) nos anos 60 a televisão desenvolveu características próprias se distanciando um pouco mais do rádio. Para a época foi um avanço tecnológico muito grande, pois era possível gravar áudio, vídeo tudo em uma única fita. O VT tinha seu ponto negativo também, pois como era pesado e grande, era difícil a locomoção do equipamento para criação de imagens externas. Em 1970 com o avanço das tecnologias, o VT diminuiu de tamanho, tornando assim possível a produção externa.

Todos esses testes que foram feitos no passado, trouxeram inúmeros benefícios para os cinegrafistas da atualidade, pois em pleno século XXI, em pelo ano 2018, se consegue captar imagens de alta qualidade de ambiente, personagens e objetos, com variação de ângulos, tornando o momento da edição bem mais detalhado e variado que antigamente. Sobre a profissão veremos a seguir.

2.1 Imagens e Telejornais

No início, muitos se perguntavam: como poderia uma caixinha gerar imagens? A televisão foi um invento que mudou a história e o cotidiano da população. Na década de 1950, ninguém imaginava como a televisão influenciaria e seria algo tão presente na vida das pessoas.

Na televisão, uma coisa chamada imagem tem absoluta primazia. Sem imagem, a televisão não passa de um rádio disfarçado. Repórteres de veículos impressos precisam, para trabalhar na tevê, ter consciência de que imagem é informação. (BITTENCOURT, 2002)

Em 1950 surge como uma virada na história da comunicação com a chegada da televisão no Brasil. Nesse contexto, a história do jornalismo brasileiro se confunde com a da TV que começou suas transmissões em 18 de setembro de 1950. Naquela época, o dinamismo do jornalista Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, mais conhecido como Assis Chateaubriand, dá um novo símbolo para o país com a inauguração da PRF-3/TV Tupi, Canal 3 de São Paulo, canal que transmitia para pouco mais de 100 televisores na cidade de São Paulo.

No dia seguinte ao da inauguração, 19 de setembro de 1950, a TV Tupi transmite o primeiro telejornal do Brasil *Imagens do Dia*¹, das 21h30 às 22h, que mostrava imagens brutas (sem edição) dos acontecimentos daquele dia. Com comando de Maurício Loureiro Gama.

O *Imagens do Dia* tinha uma equipe composta

pelo redator e apresentador Ruy Resende e os cinegrafistas Jorge Kurkjian, Paulo Salomão e Alfonso Zimibas. Todas as noites se produzia um noticiário que constava de uma sequência de filmes dos últimos acontecimentos locais. O desfile cívico-militar pelas ruas de São Paulo foi a primeira reportagem filmada exibida. (REZENDE, 2000, p.105)

1. Mais em <http://www.rankbrasil.com.br>

Com a precariedade dos aparelhos utilizados e a inexistência do videoteipe VT, as notícias eram gravadas em “externas”, com uma pequena câmera, pelos cinegrafistas Alfonso Zimbas e Paulo Salomão. As cenas capturadas eram encaminhadas para Jorge Kurkjian, que revelava os filmes no laboratório de cinematografia da emissora. Quando o telejornal ia para o ar, o apresentador lia e comentava a notícia.

No início, a semelhança da TV com o rádio era tanta que no seu *Manual de Telejornalismo*, o jornalista e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro Luis Carlos Bittencourt afirma

Nos anos 50, o telejornal no Brasil era uma espécie de rádio com imagem, ainda não considerada um elemento constitutivo da informação televisiva. Só muito tempo depois os editores começaram a se preocupar em casar imagem e texto. [...] se o jornal era para ser ouvido, o sotaque era radiofônico. Os apresentadores do Repórter Esso eram Kalil Filho (São Paulo) e Gontijo Teodoro (Rio), dois conhecidos locutores do rádio. (BITTENCOURT, 1993).

Em 1952 o *Repórter Esso* passa a ser exibido e foi considerado “o telejornal mais importante da década” (REZENDE, 2000, p.105). Exibia uma variação de conteúdo com notícias nacionais e internacionais exibidas por meio de filmes.

O *Jornal de Vanguarda* exibido pela TV Excelsior a partir de 1962, introduziu muitas novidades em relação ao que era exibido pelos demais programas de notícias. A participação de jornalistas vindos de veículos impressos, como produtores, foi uma das novidades.

a qualidade jornalística desse noticiário causou um impacto enorme pela originalidade de sua estrutura e forma de apresentação distinta de todos os demais informativos o *Jornal de Vanguarda*, além do prestígio no Brasil, obteve reconhecimento no exterior. Recebeu, na Espanha, em 1963, o prêmio Ondas, como o melhor telejornal do mundo e foi utilizado por McLuhan - um dos teóricos da comunicação de maior projeção - em suas aulas sobre comunicação. (REZENDE, 2000, p.107)

Com os avanços tecnológicos e o passar dos anos, foram propiciadas muitas melhorias nos programas exibidos. No meio técnico, as câmeras

portáteis substituíram as cinematográficas, dando maior mobilidade às equipes de reportagem. Trazendo uma maior qualidade das imagens e nas edições das matérias.

a televisão é um veículo de veículos, é um grande rio com grandes afluentes. Só que é um rio reversível: recebe e devolve influências. Quanto à imagem deságuam na TV: o desenho, a pintura, a fotografia, o cinema. A palavra escrita é um rio subterrâneo, mas poderoso: a literatura está por baixo de toda narrativa, a imprensa sob todos os noticiosos e todos os documentários e reportagens. A palavra falada é um lençol d'água, está por toda a parte: presenças do teatro e do rádio, que também influem nos espetáculos musicais e humorísticos. Mas a linguagem marcante, de base, é a do cinema: composição e montagem de imagens. A diferença está em que a TV é um cinema caudaloso e ininterrupto que ritmado pelos comerciais, se distribui por milhões de receptores, numa linguagem que combina todas as linguagens, numa produção seriada e industrializada da informação e do entretenimento. (PIGNATARI, 1984, p.14)

A televisão passou por transformações e evoluções tecnológicas, fazendo com que a linguagem televisiva esteja também em constante crescimento e transformação. Sobre a profissão do cinegrafista falaremos a seguir.

2.2 O Cinegrafista

Em um contexto mais amplo, encontrar material sobre a temática foi uma tarefa difícil, pela escassez de estudos sobre esses profissionais. Em função disso buscamos algumas informações em sites e artigos acadêmicos.

Um ponto importante que vale salientar, e que ainda gera muitas dúvidas, é: como devo chamar o profissional que trabalha com imagem no telejornalismo? cinegrafista? operador de câmera? repórter cinematográfico?

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)² não reconhece a profissão de cinegrafista pela nomenclatura e sim pela de operador de câmera

2. A Classificação Brasileira de Ocupações - CBO, instituída por portaria ministerial nº. 397, de 9 de outubro de 2002, tem por finalidade a identificação das ocupações no mercado de trabalho, para fins classificatórios junto aos registros administrativos e domiciliares. Disponível em: www.mtecbo.gov.br. (Página 11 do Artigo Cinegrafistas).

de televisão. São sinônimos desta nomenclatura: cameraman no cinema, operador de câmera e operador de câmera de vídeo, os quais pertencem ao grupo de profissionais classificados como captadores de imagens em movimento.

O Decreto-Lei nº 972, de 17 de outubro de 1969³, que dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista, traz a primeira alusão à atividade de cinegrafia, na legislação brasileira, registrada pelo sindicato dos jornalistas.

No artigo 6º, que rege as funções que os jornalistas desempenham, classifica o repórter cinematográfico como aquele a quem cabe registrar cinematograficamente, quaisquer fatos ou assuntos de interesse jornalístico.

O repórter cinematográfico atua exclusivamente no jornalismo, sendo uma das profissões listadas no Sindicato dos Jornalistas, portanto pertence a categoria dos jornalistas. Sua função é captar imagens para matérias jornalísticas e auxiliar no processo de elaboração da notícia. O profissional deve ser capaz de ilustrar com as imagens o texto do repórter.

Pelo fato desta atividade ser regulamentada pelo Sindicato dos Jornalistas, o profissional deve possuir o registro de jornalista, embora não seja previsto pelo sindicato a formação superior em jornalismo, mas para exercer a profissão se exige a comprovação de dois anos de atuação na área através de material publicado.

O Sindicato dos Radialistas, mediante a Lei nº 6.615, de dezembro de 1978, define o operador de câmera como o profissional da área técnica responsável por operar as câmeras, inclusive as portáteis ou semiportáteis, sob orientação técnica do diretor de imagens. O sindicato dos radialistas também prevê um registro, porém exige a realização do curso profissionalizante de pequena duração.

Em junho de 2016, o Tribunal Superior do Trabalho (TST) decidiu, por unanimidade, em favor da isonomia salarial entre repórteres cinematográficos e jornalistas no Brasil. A decisão, que contrariava o entendimento de outros dois tribunais regionais, se deu em face da ação iniciada por um cinegrafista da Empresa Brasileira de Comunicação S.A – EBC – que em 2010 fora

3. Disponível em: www.sjpdf.org.br/legislacao.

enquadrado profissionalmente como técnico, com salário inferior ao pago aos jornalistas. Em defesa da EBC, os juízes regionais do trabalho utilizaram dois argumentos. O primeiro que o servidor não possuía diploma de formação específica na área e o segundo que a reportagem cinematográfica abrange tarefas distintas de outros ramos da profissão como por exemplo a produção textual.⁴

Podemos perceber que o repórter cinematográfico está em uma posição periférica dentro da comunidade jornalística. Como consequência desse processo, o cinegrafista vive em uma zona de conflito entre os sindicatos dos jornalistas e dos radialistas sendo submetido a constantes irregularidades contratuais e ao rebaixamento estatutário. Percebemos que a divisão das redações simboliza o problema destes profissionais que continuam sem muita representatividade.

2.2.1 O Cinegrafista e o telejornalismo

Na época em que as câmeras eram bastante pesadas e grandes, as câmeras de cinema preenchiam este espaço no telejornalismo, surgindo o cinegrafista, nomenclatura utilizada para designar o profissional da câmera até os dias atuais pela maioria das pessoas.

Já o operador de câmera é o profissional que opera a câmera cinematográfica, a partir das instruções do Diretor Cinematográfico e do Diretor de Fotografia. O operador de câmera tem a função de enquadrar as cenas do filme, indica os focos e os movimentos de zoom e câmera, seguindo expressamente as orientações do diretor dos programas e assume papel passivo frente ao conteúdo a ser registrado.

É importante que o *cameraman* também receba orientação do chefe de reportagem ou, se for o caso, de um editor de imagens que trabalha junto ao jornalismo. O *cameraman* bem informado sobre a pauta sai da emissora melhor preparado para cobrir o assunto. Em primeiro lugar, porque familiariza-se com o assunto. Em segundo, porque avalia melhor suas necessidades de equipamento. Mesmo assim, os procedimentos de rotina são fundamentais (VILLELA, 2008, p.45).

4 Justificativa dada pelo juiz do 10º TRT (DF e TO) ao indeferir o pedido do servidor. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2016-jun-15/reporter-cinematografico-salario-jornalista-tst>.

À imagem se confere uma função primordial no processo de codificação das notícias. Podemos dizer que a palavra cumpriria um papel secundário, de suporte da informação visual. Embora ressalte que a “TV funciona a partir da relação texto/imagem”, a jornalista Vera Íris Paternostro justifica a soberania do icônico, afirmando que “é com a imagem que a televisão compete com o rádio e o jornal, exercendo o seu fascínio para prender a atenção das pessoas” (PATERNOSTRO, 1987, p.41). Em relação à produção das notícias para a TV, a função prioritária que a imagem ocupa na comunicação telejornalística requer uma preparação especial do repórter para que ele tire maior proveito das potencialidades expressivas do veículo, para isso é essencial uma cumplicidade entre o repórter e o cinegrafista.

O cinegrafista sempre teve papel importante na história do cinema e do telejornalismo. Mascarello (2006, p.31) explica que “menos do que seguir a cena com uma panorâmica, o que importa é a preservação do quadro em que se desenrola a ação”.

Nos primórdios, os cinegrafistas eram apenas os operadores de equipamento, sem voz nem vez. Hoje, os repórteres sabem que a visão deles é fundamental para o desenvolvimento da reportagem, e isso não se limita às imagens. Se o repórter e o cinegrafista não estiverem bem afinados, fica complicado produzir uma boa reportagem. Podemos dizer que o olhar do câmera deve completar o do repórter e vice-versa. Sobre as dificuldades e necessidades da profissão veremos a seguir.

3. CINEGRAFISTAS: OS DESAFIOS DE UMA PROFISSÃO

Eles ajudam a escrever a história do telejornalismo. Os desafios impostos ao jornalista também o são da mesma maneira aos cinegrafistas. A cobertura da vida real tem vantagens, desafios e limites. Colete, proteção da polícia, ameaças, ética, falta de reconhecimento entre os colegas de profissão, essa é a rotina dos cinegrafistas, cheia de imprevistos. Quem deseja fazer uma imagem de qualidade, tem que enfrentar muitos desafios.

Para realizar essa pesquisa foram selecionados entre os *corpus* as entrevistas realizadas com os profissionais de duas emissoras de

telejornalismo de Campina Grande-PB: André Luis de Lima Gomes (TV Paraíba, afiliada Rede Globo) e Marcel dos Santos Padua Henriques (TV Itararé, afiliada TV Cultura). Para obter as informações para esta pesquisa, foram realizadas entrevistas com os cinegrafistas André Luis e Marcel Henriques, entre os meses de setembro e outubro de 2017.

Um dos fatos mais marcantes nessa profissão foi a morte do cinegrafista Santiago Ilídio Andrade, da TV Bandeirantes, em 2014. Ele foi atingido na cabeça, por um rojão, quando registrava o confronto entre manifestantes e policiais durante um protesto contra o aumento da passagem de ônibus, no centro do Rio de Janeiro. Santiago tinha 20 anos de carreira, dez deles atuando como repórter cinematográfico na Bandeirantes.

Sobre a insegurança, o cinegrafista André Luis⁵ (informação verbal), comenta um caso de ameaça que aconteceu enquanto ele trabalhava.

Um traficante tinha sido preso no posto da polícia federal e eu fui filmar com a equipe, quando cheguei lá que comecei a filmar, o traficante olhou para minha aliança e avisou que eu tivesse cuidado que quando ele saísse a minha família poderia estar em risco, o agente viu que o traficante me ameaçou e foi falar com ele, mas isso me causou muito medo. Já fui ameaçado de três a quatro vezes e jurado de morte. Eu não troco conversa com ninguém quando filmo e escondo o crachá, pois fico com receio da profissão.

O poder creditado à TV está relacionado ao grande contingente alcançado por imagens. Da espetacularização da vida real ao tom humanizado – alguns mais novelesco - dos telejornais, em se tratando de televisão aberta, o impacto é quase incalculável. O alcance chega a muitas residências e a um número bem maior de pessoas; na sua maioria, despojadas de domínio da linguagem visual, então faz-se necessário que a perspectiva jornalística, articulada ao tratamento e valor comercial da imagem, forneça alguns caminhos para a verificação dos significados éticos na televisão.

5 Entrevista concedida por GOMES, André Luis de Lima. Entrevista 1. [outubro. 2017]. Entrevistador: Rubens Ferreira Costa. Campina Grande, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste artigo.

Ética é um assunto primordial no jornalismo. Mais que rótulo, mais que acessório, ela é fundamental. O jornalista Rogério Christofolletti em seu livro *Ética no Jornalismo* fala que “Repórteres, redatores e editores precisam dominar equipamentos e linguagens, mas não devem se deslocar de seus comprometerimentos e valores” (CHRISTOFOLLETTI. 2008, pg 11).

Mas a equipe não é formada apenas pelos profissionais citados, sabemos que toda essa responsabilidade também deve ser cumprida pelo cinegrafista, e, raramente ele é inserido nas capacitações, na integração das equipes.

Em seu Manual de Telejornalismo, Barbeiro e Lima afirmam que há uma necessidade de integração nas equipes de telejornalismo.

O cinegrafista é um agente da reportagem e deve opinar sobre todo o processo de produção, e não somente sobre a estética e as questões referentes às paisagens a serem selecionadas. Ainda deve participar da construção da reportagem desde a conversa com o editor-chefe até a execução final da última edição do produto (BARBEIRO E LIMA, 2002, p. 44).

É necessário esclarecer que o cinegrafista deve ter a curiosidade do repórter e a sensibilidade do artista fotográfico, pois ele capta as imagens que irão para o ar e, por isso, é imprescindível que quando saia para gravar, junto com o repórter ou mesmo sozinho, ele conheça a(s) pauta(s) e o objetivo da reportagem.

Difícilmente essa teoria é posta em prática, o cinegrafista Marcel Henriques⁶ (informação verbal), comenta que

o diálogo entre o repórter e o cinegrafista é muito importante, pois um vai ajudar o outro, nós não somos apenas um apertador de botão, tem que ter um porquê. Um depende do outro para poder sair uma boa matéria. Mas existe uma hierarquia de status, que atrapalha um pouco essa interação. O trabalho do repórter fica incompleto sem o olhar do cinegrafista para trazer as imagens.

6 Entrevista concedida por HENRIQUES, Marcel dos Santos Padua. Entrevista 2. [outubro. 2017]. Entrevistador: Rubens Ferreira Costa. Campina Grande, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste artigo.

Diante do exposto, não resta dúvidas da importância do cinegrafista no meio jornalístico, mas existe uma falta de reconhecimento, até por parte dos próprios colegas de trabalho, em relação ao seu trabalho. Marcel Henriques (informação verbal) esclarece que “não existe participação na reunião de pauta comigo, não damos opiniões sobre a pauta, mas sugerimos imagens nas matérias”.

Essa falta de reconhecimento, a falta de estímulo, a não participação dos cinegrafistas nas discussões da pauta que irão cumprir, acaba refletindo no dia-a-dia do profissional, afastando-os das redações, e desestimulando-os a participarem do processo de produção.

O repórter deve estar sempre ao lado do cinegrafista acompanhando a captura de imagens. Como diz o experiente repórter Maurício Kubrusly, “o cinegrafista é o olho do repórter”. E, sempre que necessitar de uma imagem, ele deve pedir ao cinegrafista. Já o cinegrafista, sempre que filmar algo que o repórter não percebeu, deve avisá-lo para que ele faça um texto correspondente e a imagem seja aproveitada. (Kubrusly apud CRUZ NETO, 2008, p. 41)

O cinegrafista, além de carregar o peso da falta de reconhecimento e das injustiças, tem que carregar literalmente o peso de equipamentos muitas vezes incômodos e obsoletos que lhes provocam graves problemas de saúde. E ainda um peso bem maior que é o preconceito contra a sua função. “Dificuldades são muitas, mas a principal dificuldade é o que enfrentamos no dia-a-dia que é a falta de reconhecimento”. Marcel Henriques (informação verbal).

Apesar disso, o brilho nos olhos e o encantamento com a profissão são tão fortes que os cinegrafistas conseguem superar qualquer adversidade, mesmo que grande parte da sociedade ainda não reconheça a significância do trabalho deles.

Para ser um bom cinegrafista primeiramente é preciso conhecer fotografia, depois gostar do que faz, gostar muito do que faz, respeitar as pessoas, pois tudo tem limites, e ser criativo. André Luis (informação verbal).

Ser um cinegrafista é um prazer muito grande, porque nós cinegrafistas temos a responsabilidade de trazer o nosso olhar para os telespectadores, nós que vamos designar quais as imagens serão

transpostas a quem estará assistindo pela TV ou Web. Marcel Henriques (informação verbal).

Antes de captar as imagens ou quais técnicas ele irá usar, o cinegrafista precisa entender quais são as expectativas do telespectador para então visualizar, por meio da imagem, como satisfazê-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A televisão tornou-se mais do que um acessório, ela tornou-se quase o complemento da individualidade das pessoas. A TV é produtora de realidade e tomando por base esse pressuposto, os telejornais foram trabalhados em torno do desenvolvimento de empatia e fascinação dos telespectadores, sendo narrativas jornalísticas que obedecendo a algumas técnicas, como o *lead*, ou pirâmide invertida, em que o essencial da informação é prioritariamente colocado para prender o espectador. Na programação televisiva, os cenários, a padronização dos apresentadores, o uso selecionado das cores e a importância da voz são fatores que se somam para atestar a força da imagem como elemento integralizante/totalizante do imaginário coletivo.

Para fazer telejornalismo, é necessária uma equipe composta de repórter, cinegrafista, redator, fotógrafo, editor, técnicos de som, de iluminação e de montagens. Entre estes profissionais, não resta dúvidas a importância do cinegrafista para captação de imagens. No telejornalismo, é pelos olhos treinados dos cinegrafistas que os repórteres conseguem redigir uma boa matéria, pois eles conseguem captar imagens essenciais que se tornam os olhos do telespectador.

Muitas vezes os cinegrafistas produzem imagens tão impressionantes, que chega a ser difícil para o jornalista descrevê-las com palavras, embora o que poderia ser fascinante pode fazer surgir eventuais conflitos entre os dois.

Neste contexto, o presente artigo procurou focar a importância deste profissional que para ser reconhecido por seus companheiros, e também para ter oportunidade de aumentar seus conhecimentos e aperfeiçoar suas técnicas, necessita, entre outros, que seja inserida uma disciplina nessa linha nos cursos

de graduação em jornalismo de Campina Grande/PB, pois essa medida irá possibilitar que todos os que se formarem no curso e optarem por esse caminho da captação de imagens, notadamente serão reconhecidos como jornalistas, por meio da função de repórter cinematográfico.

Hoje, geralmente os cinegrafistas mais jovens aprenderam a prática com os que estão há mais tempo na profissão, profissão essa que não possui reconhecimento e muitas vezes, segundo o cinegrafista Marcel Henriques, isso gera preconceito entre os próprios colegas de profissão, se estendendo ao meio acadêmico.

A ideia deste estudo, ainda inacabado, é promover a abertura para que outros pesquisadores possam mergulhar no universo desse profissional. A pesquisa possibilitou maior esclarecimento sobre a profissão dos cinegrafistas em Campina Grande/PB. Apesar dos avanços desse estudo, outros sobre essa categoria profissional se fazem necessários, visto que há uma carência de pesquisas relacionadas ao objeto investigado. Pode-se supor que essa possível falta de interesse dos pesquisadores pela área, seria pela pouca atratividade que o campo supostamente tem, uma vez que são profissionais pouco reconhecidos e considerados operacionais. Essas questões requerem outras investigações.

Como estudos futuros podem ser realizadas pesquisas mais aprofundadas sobre questões referentes a gênero na profissão, uma vez que todos os cinegrafistas pesquisados e entrevistados, eram do sexo masculino. Por fim, outra sugestão de estudo futuro seria uma análise aprofundada das relações de poder existentes no meio e como isso influencia nos processos de aprendizagem dos profissionais cinegrafistas.

ABSTRACT

This article aims to describe the daily life of the professionals of the city of Campina Grande / PB that capture the raw material of television news: the image. Journalism is characterized by three fundamental pillars, which would be image, sound and word. But who captures these images? Which professional has this responsibility? Throughout the history of Brazilian television, little is known about these professionals and their importance in the journalistic environment. There is no consensus for the appointment of this professional: cameraman, cinematographer, camera operator. This research will clarify the day to day of the professional and his relation in the work with some professionals of the area of communication. In order to reach the objective, it was necessary, besides the analysis of the knowledge and practices prevalent in the daily life of these professionals, the identification of how, in the development of these practices, the learning processes are related. The methodology adopted was given through interviews and a descriptive research. The description of the daily work of the cameramen interviewed allowed us to understand the relationship between the knowledge acquired during the life history of each one, and the reproduction of the practices and their learning processes. The interviews were conducted between September and October 2017, with two cameramen, one from TV Paraíba, affiliate Rede Globo and one from TV Itararé, affiliated to TV Cultura, with different times of profession, to enable the analysis of different perceptions. We concluded by showing that one of the quickest solutions would be to insert a discipline in this area, in the higher courses of Journalism.

Keywords: Cameraman. TV. Image. Telejournalism.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação: Referências. Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: <<https://www.normaseregras.com/normas-abnt/>>.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro, Campus, 2002.

BITTENCOURT, L. C. **Manual de telejornalismo**. São Paulo: Contexto, 1993.

_____, L. C. **A expansão do telejornalismo online**. Disponível em: <<http://www.telejornalismo.com/bitt.htm>>, 2002.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

CRUZ NETO, João Elias da. **Reportagem de televisão**: como produzir, executar e editar. Petrópolis: Vozes, 2008.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.

MASCARELLO, Fernando. **História do Cinema Mundial**. Campinas: Papirus, 2006.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV – Manual de Telejornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PIGNATARI, Décio. **Signagem da Televisão**. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia. 3ª edição. São Paulo: Iluminuras / APESP, 2005a.

VILLELA, Regina. **Profissão Jornalista de TV**. Ed. Ciência Moderna, RJ, 2008.

INFORMAÇÃO VERBAL

LUIS, André. André Luis de Lima Gomes: depoimento [Outubro, 2017]. Entrevistador: Rubens Ferreira Costa. Campina Grande/PB. Entrevista

concedida ao graduando do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

HENRIQUES, Marcel. Marcel dos Santos Padua Henriques: depoimento [Outubro, 2017]. Entrevistador: Rubens Ferreira Costa. Campina Grande/PB. Entrevista concedida ao graduando do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

APÊNDICE A - ENTREVISTA MARCEL DOS SANTOS PADUA HENRIQUES

Marcel dos Santos Padua Henriques: Nascido em Paraty, no Rio de Janeiro, com 18 anos de idade já atuava como cinegrafista em embarcações, filmando golfinhos e passeios de turistas, onde ele fazia as imagens e depois vendia o DVD. Chegou à Campina Grande/PB em 2004 e em 2012 se tornou cinegrafista após concluir a graduação no curso de Produções Audiovisuais na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (FACISA), em Campina Grande. Ainda na faculdade, no processo de estágio, fez uma seleção para ser cinegrafista na TV Itararé e conseguiu a vaga. Ele atua na área há seis anos.

Cinegrafistas de Campina Grande

- 1) O que é ser um cinegrafista?
- 2) Por que você escolheu essa profissão?
- 3) Qual a maior dificuldade de um cinegrafista?
- 4) Na sua opinião qual a maior contribuição que um cinegrafista dá para a sociedade?
- 5) Qual a diferença do profissional que trabalha na rua para o de estúdio?
- 6) A partir de que é definido o olhar de um cinegrafista? Precisa ter uma sensibilidade?
- 7) O olhar de um cinegrafista busca a imagem desejada pelo telespectador. Você se coloca como telespectador quando está gravando?
- 8) Qual a melhor e pior cena que você filmou até hoje?
- 9) Qual a cena que você gostaria e qual a que não gostaria de filmar?
- 10) Qual a maior omissão de um cinegrafista?
- 11) Como deve agir um profissional diante de uma imagem chocante?
- 12) Qual o erro que o profissional nunca deve cometer?
- 13) O que constrange um cinegrafista?
- 14) Qual a história que mais lhe tocou?

15) O que preciso ter para ser um bom cinegrafista?

16) Qual a contribuição da tecnologia na profissão?

1 – Ser um cinegrafista é um prazer muito grande, porque nós cinegrafistas temos a responsabilidade de trazer o nosso olhar para os telespectadores, nós que vamos designar quais as imagens serão transpostas a quem estará assistindo pela TV ou Web.

2 – Na verdade foi por acaso, eu sou formado em produções audiovisuais pela Facisa, passei por uma seleção na Itararé, sendo aprovado e qualificado para trabalhar como cinegrafista. Faz seis anos que atuo como cinegrafista.

3 – Dificuldades são muitas, mas a principal dificuldade é o que enfrentamos no dia-a-dia que é a falta de reconhecimento.

4 – Trazer a imagem ao telespectador, o factual.

5 – Operador de Câmera Externa é o cara que vai à rua com uma equipe, por meio de uma pauta, para fazermos a ideia acontecer. Operador de Câmera Interno é o cara que vai ligar a luz, bater um branco, enquadrar o âncora e igualar o áudio, tudo isso em um estúdio. A diferença é que um trabalha no estúdio debaixo de um teto e o outro trabalha na rua.

6 – O olhar vai de cada um, o operador de externa, ele nunca vai ter a mesma imagem, mesmo ele voltando ao mesmo local, com um mesmo personagem, mas a luz vai ser diferente, o enquadramento não vai ser igual ao outro. Um simples olhar diferente já muda a imagem. Por isso que o olhar vai de cada um. Sensibilidade também tem que ter muita, tanto técnica quanto emocional, pois o cinegrafista tem que ser o máximo profissional, separando o profissional do emocional.

7 – Eu me coloco no olhar do telespectador, mas isso pode ser um erro, pois as vezes o olhar do telespectador pode está indiferente aquele momento, mas quando eu falo em me colocar no lugar do telespectador, falo com relação a me ver assistindo a matéria, o que eu gostaria de estar assistindo.

8 – O que mais me marcou negativamente foi a minha primeira matéria. Fui chamado inicialmente para filmar um acidente bobo de uma batida simples, quando eu decidi filmar embaixo do caminhão um motoqueiro vinha em alta velocidade, não prestou atenção que tinha ocorrido um acidente, perdeu o controle e caiu embaixo do caminhão e acabou falecendo, eu filmei o miolo e cabelo do cara que ficou preso no caminhão, essa matéria me marcou muito por ser minha primeira. Já a minha melhor matéria foi do Instituto dos Cegos, onde eles pintaram quadros e um deles comentou que aquele momento era o melhor da vida dele, chegando a me emocionar muito.

9 – Não gostaria de fazer imagens que envolvam acidentes de crianças, acho pesado. O que eu gostaria de fazer era saltar de paraquedas filmando como cinegrafista, seria legal.

10 – Uma omissão besta é esquecer de verificar a câmera e o áudio antes de começar a gravar. Já uma omissão pesada é deletar alguma imagem importante ou omitir.

11 – Ser profissional o máximo possível, ele tem que lembrar que antes de qualquer coisa ele estará ali para executar um serviço para uma empresa.

12 – Erros técnicos, tipo: revisar câmera, limpar equipamentos, imagem desfocada, áudio, parte técnica em si. Erros emocionais: Não deixar o ego subir, ter humildade e não se desequilibrar emocionalmente em trabalho.

13 – O que mais constrange um cinegrafista é estar em frente a câmera, a maioria dos cinegrafistas gostam de trabalhar por trás delas. Outro exemplo é ser chamado a atenção pelo repórter na frente do entrevistado, considero muito antiético.

14 – A história mais marcante foi a do acidente.

15 - Profissionalismo não é só apertar um botão, é ter sensibilidade e conhecer a parte técnica.

16 – Todas as evoluções das câmeras são impressionantes, elas praticamente fazem tudo sozinhas, mas cabe o cinegrafista se especializar para utilizar esses equipamentos modernos.

Duas perguntas extras: uma sobre a interação com o repórter e outra sobre reunião de pauta se ocorre.

17 - O diálogo entre o repórter e o cinegrafista é muito importante, pois um vai ajudar o outro, nós não somos apenas um apertador de botão, tem que ter um porquê.

Um depende do outro para poder sair uma boa matéria. Mas existe uma hierarquia de status, que atrapalha um pouco essa interação. O trabalho do repórter fica incompleto sem o olhar do cinegrafista para trazer as imagens.

18 – Não existe participação na reunião de pauta comigo, não damos opiniões sobre a pauta, mas sugerimos imagens nas matérias.

APÊNDICE B - ENTREVISTA ANDRÉ LUIS DE LIMA GOMES

André Luis de Lima Gomes: Aos 14 anos foi chamado para fazer a iluminação de uma festa para um amigo, foi mais algumas vezes, até que o dono da produtora pediu para ele ficar trabalhando na empresa como iluminador. Com o apoio dos pais ele aceitou o pedido, pois “o trabalho era divertido e geraria uma renda”. Aos 16 anos André já editava, filmava e fez o primeiro curso de fotografia. Já aos 17 anos, surgiu uma vaga na TV Borborema como operador de VT (pessoa que opera as máquinas de gravação e reprodução dos programas em videotape, mantendo responsabilidade direta sobre os controles indispensáveis à gravação e reprodução), onde ele assumiu a vaga. Com 20 anos, apareceu uma oportunidade para ser cinegrafista na TV Paraíba e ele aceitou o trabalho. Deste então, André trabalha como cinegrafista, o que totaliza 19 anos.

Cinegrafistas de Campina Grande

- 1) Qual a maior dificuldade de um cinegrafista?
- 2) Qual a diferença do profissional que trabalha na rua para o de estúdio?
- 3) O olhar de um cinegrafista busca a imagem desejada pelo telespectador. Você se coloca como telespectador quando está gravando?
- 4) Qual a melhor e pior cena que você filmou até hoje?
- 5) Qual a cena que você gostaria e qual a que não gostaria de filmar?
- 6) Qual a maior omissão de um cinegrafista?
- 7) Como deve agir um profissional diante de uma imagem chocante?
- 8) Qual o erro que o profissional nunca deve cometer?
- 9) O que constrange um cinegrafista?
- 10) Qual a história que mais lhe tocou?
- 11) O que preciso ter para ser um bom cinegrafista?
- 12) Qual a contribuição da tecnologia na profissão?

1 – A maior dificuldade de um cinegrafista para mim, é filmar em tempo de política, pois temos dificuldades de entrevistar políticos em coletivas, junta muita equipe, as vezes o áudio da câmera pega o áudio da outra e fica bem complicado. Tem os comerciais também que temos cuidado para não filmar ou fazer propaganda política. Outro ponto de dificuldade é a luz para achar a iluminação certa.

“A base do cinegrafista é a fotografia”.

2 – A diferença é a interação da equipe, combinando e pensando nas possibilidades de pauta.

3 – Me coloco sim no lugar do telespectador. Eu sempre me pergunto o que gostaria de ver, gosto de explorar nos detalhes.

Uma recomendação da emissora é não mostrar sangue, nem corpo, nem tudo pode mostrar.

4 – As piores cenas que já vi foram de crianças passando fome, mortas, que chegavam a emocionar. Tem um quadro que fazemos na TV Paraíba que se chama “Exemplos do Bem”, é muito gratificante trabalhar nesse quadro, pois lá fazemos matérias com gente que cuida de animais, idosos, que se preocupam com o bem-estar do próximo, e isso é gratificante de fazer.

5 – Cenas relacionadas a cultura são as que me identifico, já as que não me identifico são as de política. A editoria de cultura eu me identifico por que dá para trabalhar luz, som, explorando as partes técnicas das câmeras, fazendo uma melhor fotografia. Já a de política eu não me identifico por que as câmeras ainda são pesadas e tens horas que não dá para usar o tripé e fica ruim de filmar.

6 – Eu sou pago para filmar, pois quem decide o que vai para o ar ou não são os editores. Então o cinegrafista tem que estar alerta sempre. Eu agradeço ao auxiliar que são os meus outros olhos no cenário e os repórteres pelas dicas que me dão.

7 – Com profissionalismo, pois estamos sendo pagos para filmar.

8 – O cinegrafista nunca deve cometer o erro do áudio, pois quando perde o áudio, pode perder a imagem também, um compõe o outro.

9 – Não chega a constranger, mas em causar medo. Um traficante tinha sido preso no posto da polícia federal e eu fui filmar com a equipe, quando cheguei lá que comecei a filmar, o traficante olhou para minha aliança e avisou que eu tivesse cuidado que quando ele saísse a minha família poderia estar em risco, o agente viu que o traficante me ameaçou e foi falar com ele, mas isso me causou muito medo. Já fui ameaçado de três a quatro vezes e jurado de morte. Eu não troco conversa com ninguém quando filmo e escondo o crachá, pois fico com receio da profissão.

10 – A história que mais me tocou, foi quando eu fui gravar na alça sudoeste três crianças mortas. Aliás uma outra história que mais me tocou foi essa: nós

fomos chamados para cobrir a matéria de um corpo que tinha sido encontrado, eu fiz as filmagens, o corpo estava bem inchado e irreconhecível. Aí de lá, fomos para o IML, para fazer mais imagens e falar com os familiares da vítima, quando chego lá, me deparo com a esposa do meu amigo que estava desaparecido a dois dias e ela fala que a vítima na verdade era meu amigo Júnior. Eu tive que me segurar para tocar o restante da matéria, foi uma matéria muito difícil de fazer.

11 – Para ser um bom cinegrafista primeiramente é preciso conhecer fotografia, depois gostar do que faz, gostar muito do que faz, respeitar as pessoas, pois tudo tem limites, e ser criativo.

12 – A contribuição é muito boa, antigamente as câmeras analógicas tinham um ganho de luz muito baixo, que as vezes tínhamos que andar com uma lâmpada de 1000W, onde muitas vezes não tínhamos onde ligar por conta da potência da lâmpada. Quando chegaram as câmeras com definição, melhorou muito, foi um salto maravilhoso, a qualidade não deixa a desejar em nada, e praticamente tem ambiente que não precisa de luz.